

Yves Lacoste, a geografia do subdesenvolvimento e a reconstrução da geopolítica

Yves Lacoste, the geography of underdevelopment and the rebuilding of geopolitics

Yves Lacoste, la geografía del subdesarrollo y la reconstrucción de la geopolítica

Yves Lacoste, la géographie du sous-développement et la reconstruction de la géopolitique

Elisa Favaro Verdi



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/2286>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.2286

ISSN: 2316-7793

Editora

Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Referência eletrónica

Elisa Favaro Verdi, «Yves Lacoste, a geografia do subdesenvolvimento e a reconstrução da geopolítica», *Terra Brasilis* [Online], 9 | 2017, posto online no dia 29 dezembro 2017, consultado o 05 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/2286> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.2286>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 dezembro 2022.

All rights reserved

Yves Lacoste, a geografia do subdesenvolvimento e a reconstrução da geopolítica

Yves Lacoste, the geography of underdevelopment and the rebuilding of geopolitics

Yves Lacoste, la geografía del subdesarrollo y la reconstrucción de la geopolítica

Yves Lacoste, la géographie du sous-développement et la reconstruction de la géopolitique

Elisa Favaro Verdi

Introdução

- Apesar de ter escrito ou organizado mais de vinte livros, Yves Lacoste geralmente tem seu nome associado a apenas um, *La géographie ça sert, d'abord, à faire la guerre*, publicado originalmente em 1976, reeditado com importantes alterações até 1985 e traduzido em diversos idiomas.¹ Outra referência inevitável ao autor é seu papel como fundador e principal animador da revista *Hérodote*, surgida no mesmo ano do famoso livro e já no seu 167º número (terceiro e quarto trimestre de 2017). Este artigo pretende situar parte da trajetória desse importante geógrafo enfocando sua atuação acadêmica e política entre as décadas de 1960 e 1970. Assim, inicia-se com a produção de Lacoste sobre temas como o subdesenvolvimento e a descolonização. Em seguida, tenta-se reconstruir o período imediatamente anterior à *La géographie ça sert, d'abord, à faire la guerre*, momento em que Lacoste já busca outras maneiras de dar vazão a suas inquietações como geógrafo, sobretudo políticas. Tomadas em sequência, as motivações do autor estariam intimamente relacionadas ao contexto econômico e político da França na época. As revoluções de liberação colonial, o imperialismo, o maio de 1968 e a crise da universidade francesa² impunham a criação de uma nova Geografia, produzida por sujeitos inseridos nas realidades sociais em conflito e – em teoria – capaz de explicar

todas as transformações dessa realidade. A obra de Yves Lacoste é produto dessa exigência e assim deve ser investigada, como se busca fazer no presente artigo.

Da herança colonial à dialética da modernização capitalista

- 2 Nos anos 1950 e 1960, Yves Lacoste preocupa-se com as questões do subdesenvolvimento e da colonização em grande parte por ser, também ele, um herdeiro do Terceiro Mundo. Filho de um geólogo francês responsável pela exploração de petróleo no Marrocos, na época uma colônia francesa,³ Lacoste nasceu em Fez em 1929, onde passou a sua infância e adolescência (Lacoste, 2010, 2012a). Criado, portanto, em uma sociedade colonial, dentro dos quadros intelectuais e bem pagos do país, o autor aproximou-se das questões e problemas concernentes ao Terceiro Mundo:

Acredito que essas ideias explicam que desde a minha juventude eu tenha uma grande atenção sentimental com o Marrocos, e um pouco mais tarde, mesmo que totalmente diferente, com a Argélia; e em seguida meu interesse pelo conjunto de países liberados das dominações coloniais, em condições muito diversas uns dos outros. Mas foi somente a partir dos anos 1960 que esse interesse se transformou em uma preocupação teórica. (Lacoste, 2012a: 15)⁴

- 3 A questão colonial é, portanto, um tema emocionalmente próximo à Lacoste que transformou-se, ao longo de sua formação intelectual, em um objeto de pesquisa e investigação científica. O autor cursou Geografia no Instituto de Geografia da Sorbonne, em Paris, e fez um mestrado sobre a geomorfologia do Marrocos, inspirado no trabalho do seu pai geólogo, Jean Lacoste. Após a aprovação no exame de *agrégation*, mudou-se para a Argélia, onde foi professor de liceu entre 1952 e 1955. Lá o autor filiou-se ao partido comunista argelino, mas deixou-o em 1956, quando do agravamento dos conflitos naquele país.
- 4 Devido às suas manifestações anticoloniais, Lacoste foi obrigado a voltar à França em 1955, durante a guerra de independência da Argélia,⁵ e tornou-se assistente de Pierre George na área de Geografia Humana do mesmo instituto em que havia se formado (Lacoste, 2012a). Foi como assistente de Pierre George que Lacoste interessou-se pela Geografia Humana: “George foi um dos primeiros a considerar os fenômenos demográficos, as formas de crescimento urbano, as indústrias e aquilo que chamava de ‘os grandes tipos de organização econômica e social’ (em essência, os países capitalistas e os países socialistas)” (Lacoste, 2012a: 25). Relata que desde a sua juventude foi próximo de Pierre George, inclusive mantendo relações de amizade com sua família. Segundo o autor, essa relação estreitou-se em 1964, momento da publicação da obra *La Géographie Active*, escrita em conjunto com Bernard Kayser e Raymond Guglielmo. Para o autor, sua relação com Pierre George manteve um caráter de mestre e discípulo até 1968, quando discordaram sobre o movimento de maio daquele ano. Pierre George teria se oposto ao movimento estudantil na época, desencadeando um afastamento entre os dois que durou até o final da década de 1990, quando Pierre George convidou Lacoste para coordenar a republicação do seu *Dictionnaire de Géographie* (Lacoste, 2010, 2012a).
- 5 Dessa forma, foi a partir da sua história no Magreb e da convivência com Pierre George que o geógrafo iniciou uma carreira de estudos sobre o Terceiro Mundo e o subdesenvolvimento. Já em 1959 publicou o livro intitulado *Les pays sous-developpés*, no qual traz uma perspectiva original de leitura das conquistas coloniais e do imperialismo

em relação às condições de subdesenvolvimento. Essa obra obteve um grande sucesso editorial, com mais de dez edições na França e tradução para 35 línguas (Lacoste, 2010). Na década seguinte, em 1965, a publicação de *Géographie du sous-développement* foi um aprofundamento do debate iniciado alguns anos antes. Nas palavras de Lacoste (2012a: 26), “[essas] duas obras relativamente generosas suprimiram uma grande quantidade de geógrafos que não tinham o hábito de ver ‘em Geografia’ tantos fatores econômicos e políticos, quer fosse no passado quer fosse no presente”.⁶

- 6 O livro *Les pays sous-développés*, de 1959, é um dos primeiros momentos em que o autor explicita essa preocupação, empreendendo uma análise geográfica do Terceiro Mundo a partir da perspectiva da Geografia Ativa. Percebe-se que há, na obra, um comprometimento com a compreensão da situação do subdesenvolvimento de uma maneira não dualista, ou seja, não apenas em comparação com o seu outro, o desenvolvimento.
- 7 De acordo com Lacoste (1959, 1965), a utilização do termo subdesenvolvimento se daria após a Segunda Guerra Mundial, sendo o conceito objeto de elaborações pouco rigorosas que o interpretaram ora “por dentro”, sublinhando as causas que parecem internas aos países, e ora “por fora”, atribuindo um papel primordial aos efeitos de dominação dos países imperialistas. O autor partiu da crítica à diversas perspectivas de análise da situação do subdesenvolvimento, quais sejam: (i) os países subdesenvolvidos não dispõem do necessário, definido como aquilo que o conjunto da população precisa para viver, o que depende da evolução das estruturas econômicas, sociais e culturais; (ii) o subdesenvolvimento como manifestação da subprodução, ou seja, a insuficiência de forças produtivas ou de potencialidades naturais como causa do subdesenvolvimento, agravado pelo acelerado crescimento demográfico; (iii) o subdesenvolvimento como sinônimo de baixo valor do PIB per capita, ou seja, o PIB per capita serve não apenas como índice, mas como explicação da situação de subdesenvolvimento; (iv) a utilização de um recurso comparativo entre os países subdesenvolvidos e a Europa pré-industrialização, o que definiria o Terceiro Mundo como atrasado, arcaico ou tradicional; (v) a ausência de industrialização como causa principal do subdesenvolvimento, consequência da colonização, sendo esta a definição do atraso; (vi) o subdesenvolvimento como dualismo econômico e social, causado pela desarticulação entre um setor moderno e industrializado da economia e outro setor atrasado e não industrializado; e finalmente (vii) o subdesenvolvimento como resultado dos efeitos de dominação exercidos pelas potências imperialistas, que criam uma relação de exploração com os países subdesenvolvidos.
- 8 Para Lacoste (1959, 1965), existiria uma grande diversidade e heterogeneidade dentre os países classificados como subdesenvolvidos. A análise da situação do subdesenvolvimento deve, em meio à essa heterogeneidade, encontrar as características comuns que formam o corpo explicativo de tal situação:

A construção de um conceito de ‘subdesenvolvimento’ em escala planetária repousa na hipótese de que, não obstante essa extrema diversidade de situações geográficas, é possível encontrar características comuns suficientemente importantes para desenhar, em um certo grau de abstração, os traços de uma situação global ou de um conjunto global de situações. (Lacoste, 1959: 11)
- 9 O autor, portanto, busca compreender não apenas as diferenças entre os países desenvolvidos e os países subdesenvolvidos, mas também as contradições internas aos próprios países em situação de subdesenvolvimento, visto que a modernização é um

processo em si contraditório que não produz, necessariamente, a melhoria das condições de vida da população (Lacoste, 1959).

- 10 Uma das características comuns do subdesenvolvimento seria o forte crescimento demográfico que diversos países sofreram durante o século XX. Para Lacoste (1959: 32), “[a] ‘descoberta’ do subdesenvolvimento é contemporânea de um fenômeno realmente novo: o extraordinário crescimento da população mundial a partir do começo do século XX”. Para o autor, tal crescimento demográfico deveu-se principalmente a uma forte queda das taxas de mortalidade, em escala mundial, após o uso mais corrente de técnicas e tecnologias médicas e sanitárias a partir da segunda metade do século XX. Essas tecnologias médicas puderam diminuir a propagação de doenças contagiosas, evitando as epidemias que se tornam perigosas na medida em que a evolução dos transportes pode fazer com que estas não ficassem mais restritas aos países do Terceiro Mundo.
- 11 O argumento fundamental para a análise de Lacoste (1959, 1965) sobre o subdesenvolvimento se baseia em uma crítica à definição do Terceiro Mundo como um conjunto de países arcaicos ou tradicionais: o subdesenvolvimento não é uma situação estática ou imóvel, pois as populações do Terceiro Mundo estariam vivendo grandes transformações de natureza social e demográfica desde a Segunda Guerra Mundial. O crescimento demográfico e o desemprego são as duas principais transformações recentes que abateram os países subdesenvolvidos, agravando as suas contradições internas e impedindo uma explicação estática do atraso como mote para a interpretação do subdesenvolvimento. Tais transformações seriam consequências da modernização capitalista:

Nos países ‘subdesenvolvidos’ deve-se constatar que as transformações são principalmente negativas para a maioria da população e que estas determinam o aparecimento e o agravamento das dificuldades que não eram conhecidas antes. Mas as transformações não são apenas negativas, elas são também muito positivas. Assim, a única forma de considerá-las é apreendê-las como contradições. (Lacoste, 1959: 95)
- 12 A situação dos países subdesenvolvidos se caracterizaria, assim, pela contradição interna entre crescimento acelerado da população e a relativa estagnação econômica da produção, o que reduziria os recursos que essa população poderia dispor efetivamente. Tal desajuste entre o crescimento populacional e o crescimento econômico seria o fato novo na história da humanidade ao qual se referiu Lacoste (1959). No passado, o baixo crescimento econômico era sinônimo de baixo crescimento demográfico. A partir da segunda metade do século XX importantes mudanças estruturais (econômicas, demográficas e sociais) ocorreriam nos países do Terceiro Mundo, na medida em que o modo de produção capitalista se mundializava, aprofundando laços de dependência entre esses países com as antigas metrópoles e os EUA.
- 13 Essa etapa de brusco desenvolvimento cumulativo dos desequilíbrios internos, agravados por condições externas, pode ser considerada como uma crise dialética dos países subdesenvolvidos, e portanto do capitalismo e da humanidade, já que estes países constituem a maior parte da população do planeta. A contradição do subdesenvolvimento é, dessa maneira, a contradição da modernização: enquanto a miséria do passado era equilibrada e durável, a miséria do subdesenvolvimento cresce juntamente ao crescimento demográfico desajustado com o crescimento econômico.

- 14 Argumenta-se, assim, que a proposta de Lacoste (1959, 1965) foi de construir uma definição de subdesenvolvimento que contivesse tanto a herança deixada por situações históricas anteriores quanto as transformações recentes que agravaram os quadros de miséria.

Transição para a geopolítica: a Guerra do Vietnã e o uso político do espaço

- 15 Como já dito, em 1976 foi criada a revista *Hérodote* e publicada a obra *La géographie ça sert, d'abord, à faire la guerre*. Se o ano foi marcante para a renovação crítica da geografia francesa e na trajetória pessoal de Lacoste, deve-se reconhecer, porém, que este marco já resulta de uma inclinação, no meio acadêmico francês da época, para temas sociais e políticos que transcendiam em muito o escopo habitual da geografia – mesmo da geografia econômica “progressista”, como aquela de Pierre George. Com base nesta premissa, não seria despropositado recuar alguns anos para buscar os sinais de descontinuidade, nas ideias de Lacoste, com relação à sua *geografia do subdesenvolvimento*, que produzira seu último fruto em 1965. No pano de fundo deste deslocamento há ecos do maio de 1968 na França, com todas suas implicações na universidade e na sociedade, bem como das crises políticas mundiais que pareciam sinalizar fraturas no sistema imperialista (como a Guerra do Vietnã) e no bloco socialista (como a invasão da Tchecoslováquia pela URSS). Para usar uma expressão cara à Lacoste (1972, 1976), a “geografia da crise” explicitava a “crise da geografia”. Era portanto necessário responder à crise e o autor faria isso. A geografia francesa não seria a mesma depois de suas intervenções.
- 16 A primeira delas seria um ensaio epistemológico com forte teor político intitulado *A Geografia*, escrito para o volume 7 - dedicado à Filosofia das Ciências Sociais - da prestigiosa coleção *História da Filosofia. Ideias, doutrinas*, organizada por François Châtelet. No Brasil, sua tradução antes do livro de 1976 fez com que esta conhecesse considerável divulgação entre os geógrafos, mesmo sem ter a força performática daquele. Sem dúvida, foi a partir deste último que Lacoste passou a ser conhecido pelas gerações futuras, inclusive no Brasil. No entanto, vale registrar que antes da obra de 1976 houve produção significativa do autor. A passagem da geografia para a geopolítica seria operada na mesma época por um estudo de caso bastante concreto, que se examina a seguir, desta vez mais longamente.
- 17 Em 16 de agosto de 1972, Yves Lacoste publicou uma denúncia no jornal francês *Le Monde* na qual revelou que o governo norte-americano, presidido por Richard Nixon, estaria empreendendo um genocídio no Vietnã do Norte a partir do bombardeamento deliberado dos diques de proteção do rio Vermelho. Nesse texto, Lacoste explicou que entre abril e julho de 1972 os norte-americanos bombardearam mais de 80 pontos diferentes das obras hidráulicas do país, mais da metade concentradas na parte oriental do delta do rio Vermelho – área abaixo do nível das águas e onde se concentrava boa parte das vilas e cidades sujeitas à inundações caso os diques se rompessem. Utilizando diversos recursos da análise geográfica, Lacoste (1972b: 1-2) explicitou:
- É possível considerar que a concentração de bombardeios nos diques da parte oriental do delta, que é também a região mais povoada e mais importante do ponto de vista agrícola, traduz o caráter deliberado desses ataques, pois estes se localizam onde os seus efeitos podem ser os mais graves.

- 18 Nessa denúncia, o autor evidenciou a estratégia de guerra empreendida pelos norte-americanos e, quatro anos mais tarde, no primeiro número da revista *Hérodote*,⁷ Lacoste (1976b) explicitou o raciocínio e a hipótese de pesquisa que fundamentaram o artigo de 1972. No segundo texto, percebe-se que o objetivo da reflexão sobre o bombardeamento dos diques no Vietnã, mesmo após o fim da guerra da Indochina, foi demonstrar as relações existentes entre a análise geográfica e a estratégia militar, indicando o problema da responsabilidade dos geógrafos frente aos seus temas de pesquisa e suas implicações políticas. Para Lacoste (1976b), o dano causado pelo bombardeamento dos diques era revelador da função ideológica das representações geográficas, e por isso a análise desse caso constituiu-se tanto como uma denúncia da estratégia de guerra quanto uma reflexão sobre a importância do raciocínio geográfico para o próprio empreendimento da guerra.
- 19 Tal tema de pesquisa chegou à Lacoste pelas mãos de Jean Dresch,⁸ em 1967. Na época, Dresch era diretor do Instituto de Geografia da Sorbonne e recebeu do governo vietnamita uma ampla documentação sobre os bombardeamentos que o país estava sofrendo na guerra. Estudando a dinâmica fluvial do rio Vermelho, explicou a geomorfologia fluvial do norte do Vietnã: a existência de elevações aluviais fazia com que o delta do rio Vermelho corresse acima, entre 5 e 10 metros, de uma planície extremamente povoada, protegida por diques que impediam a inundação desta.
- 20 A partir de um estudo sobre a geomorfologia do rio Vermelho – tendo como fonte fundamental Pierre Gourou –⁹ e dos documentos sobre os locais bombardeados pelos norte-americanos, Lacoste foi à campo, no ano de 1972, com a seguinte hipótese: a aviação norte-americana não poderia atacar, explicitamente, todos os diques do norte do Vietnã. Seria necessário, portanto, analisar os diques como uma rede e assim bombardear determinados locais selecionados, onde o conseqüente rompimento significaria a destruição mais grave. A escolha desses locais para o bombardeamento deveria seguir alguns critérios, pois os diques estavam conectados em rede hierarquizada, e o delta do rio Vermelho era desigualmente ocupado. Era, portanto, fundamental sobrepor o mapa dos bombardeamentos ao mapa da rede de diques para revelar quais eram esses locais escolhidos. Com este novo mapa seria possível reconstruir o plano estratégico do governo norte-americano.
- 21 Em campo, Lacoste concluiu que o bombardeamento dos diques selecionados deu-se através de explosões em distâncias determinadas, que, em vez de romper imediatamente os diques, os danificavam estruturalmente. À seleção dos pontos que deveriam ser bombardeados seguiram-se três diferentes níveis de análise geográfica, que articulavam dados topográficos, hidrológicos e populacionais: as bombas foram, em grande parte, explodidas nas partes côncavas dos meandros dos rios, ou seja, nos locais onde a água corrente exercia maior pressão. Os bombardeamentos também visaram bloquear as eclusas, o que dificultaria a evacuação das águas de inundação em direção ao mar. Tais bombardeamentos foram amplamente realizados no final da estação seca, de forma que quando comesçassem as chuvas, os diques se romperiam “naturalmente” com a força das águas, inundando uma planície povoada por milhões de vietnamitas. Conforme explicitou Lacoste (1976b: 94), tratava-se de uma tentativa de genocídio:
- É necessário proclamar, desde já, que se os diques se romperem neste verão, a responsabilidade deste genocídio deve cair sobre o presidente Nixon, da mesma maneira como se este houvesse determinado um bombardeio atômico.

- 22 Constata-se que este trabalho de Lacoste (1972b; 1976b) relaciona diretamente os dados físicos e os dados populacionais do lugar, a partir de uma pesquisa que integra informações de fontes primárias – os dados de bombardeamentos fornecidos pelo governo vietnamita –, fontes secundárias – o estudo de Pierre Gourou sobre as planícies do rio Vermelho – e o trabalho de campo, produzindo como resultado um mapa que comprovava a hipótese levantada anteriormente ao campo.
- 23 Quando retornou à França, após seu trabalho de campo no Vietnã, o resultado da pesquisa de Lacoste foi amplamente divulgado por meio de um relatório entregue às autoridades vietnamitas e do artigo publicado no jornal *Le Monde*, aqui mencionado. No artigo publicado alguns anos depois na revista *Hérodote*, Lacoste definiu o plano de bombardeamento dos diques como uma “guerra geográfica”, pois não se tratava apenas de destruir ou modificar as relações ecológicas do lugar, mas sim de transformar amplamente a situação na qual viviam milhares de pessoas:
- De fato, não se trata apenas de destruir a vegetação para obter resultados políticos e militares, de transformar a disposição física dos solos, de provocar voluntariamente novos processos de erosão, de modificar completamente determinadas redes hidrográficas para modificar a profundidade do aquífero (com o objetivo de secar os poços dos arrozais), de destruir os diques: se trata também de transformar radicalmente a divisão espacial do povoamento praticando, por diversas formas, uma política de reagrupamento dos povoados isolados em uma urbanização forçada. Essas ações destrutivas não são apenas a consequência involuntária da enormidade de meios de destruição utilizados atualmente para uma certa quantidade de objetivos para a guerra tecnológica e industrial. Elas são também o resultado de uma estratégia deliberada e minuciosa na qual os diferentes elementos são cientificamente coordenados no tempo e no espaço. (Lacoste, 1976: 114)
- 24 A Guerra do Vietnã, para o autor, marcou uma nova etapa na história da guerra e da Geografia: pela primeira vez, comprovou-se que métodos de destruição e de modificação do meio geográfico, tanto dos seus aspectos físicos quanto humanos, foram utilizados para destruir as condições geográficas indispensáveis à vida de milhões de pessoas.
- 25 Tais reflexões de Lacoste (1959, 1972b; 1976b) evidenciam uma preocupação diferente da visão naturalizada da geografia tradicional, ou seja, em vez de uma perspectiva que analisa os homens como um dos elementos da paisagem, na interpretação do autor há uma relação entre a sociedade – não mais os indivíduos – e o espaço – não mais a natureza – em que a primeira age sobre o segundo, transformando-o para as suas necessidades (Verdi, 2016). Lacoste (1959, 1972b; 1976b) utiliza amplamente dados econômicos para demonstrar que o domínio do espaço é uma ação política historicamente empreendida pela sociedade, cujo fundamento seria o processo de colonização, obedecendo a fins determinados. Essas reflexões trazem novos conteúdos, temas e abordagens para a geografia francesa, constituindo-se em uma perspectiva original de análise na disciplina.
- 26 Lacoste (2012a) atribui ao trabalho de Pierre George e especialmente à Geografia Ativa a sua perspectiva original de análise geográfica. Para ele, caberia aos geógrafos a análise das interações entre o meio natural e as estruturas econômicas e sociais, participando mais ativamente das tramas que regem a organização da sociedade.
- 27 A análise do bombardeamento planejado dos diques do rio Vermelho durante a Guerra do Vietnã é um dos momentos da obra de Yves Lacoste que revelam a existência de uma relação intrínseca entre a biografia deste geógrafo e a sua preocupação com as questões

coloniais e do subdesenvolvimento, que remetem tanto à Geografia Ativa de Pierre George quanto ao contexto político e social da França nas décadas de 1960 e 1970.

O caminho de reconstrução da geopolítica

- 28 As obras de Lacoste (1959, 1964, 1965, 1972b; 1976, 1976b) analisadas neste artigo revelam que as reflexões sobre as contradições do subdesenvolvimento, a herança das desigualdades da exploração colonial e o conteúdo geográfico das guerras foram parte de um processo empreendido pelo autor de reconstrução da geopolítica na França. Uma das etapas fundamentais desse processo foi a publicação de *La géographie ça sert, d'abord, à faire la guerre*, obra expoente da perspectiva original do autor frente às questões geográficas. Segundo Lacoste (2012a), o livro foi objeto de escândalo e de diversas polêmicas entre os geógrafos. No entanto, foi a partir desta publicação que o geógrafo inaugurou uma reflexão epistemológica da ciência geográfica que se desenvolveu na direção da elaboração de uma concepção de geografia e de geopolítica:

Era necessário, acima de tudo, construir uma nova concepção da geopolítica e a diferenciar da Geografia. Certamente, não era possível opor-se à moda midiática da geopolítica que permanece ainda hoje um fenômeno essencialmente francês, sem grandes relações com uma crescente influência dos geógrafos. A geopolítica, como eu a defini, analisa e explica as rivalidades de poder sobre os territórios geográficos, quer sejam estes grandes ou pequenos, considerando com especial interesse os argumentos que colocam corretamente ou não os protagonistas, cada qual utilizando-se de *representações*, de *direitos históricos* mais ou menos antigos, para justificar as suas ações. (...) Em essência, a Geografia tal qual eu a compreendo é atualmente de grande utilidade para a análise de todos os conflitos geopolíticos, a substância de todas as rivalidades de poder sobre os territórios. (Lacoste, 2012a: 46)

- 29 Essa nova concepção resultou na fundação de uma Escola Francesa de Geopolítica, institucionalizada, desde 2002, no Instituto Francês de Geopolítica, parte da Universidade de Paris VIII e sede da revista *Hérodote*. Nessa instituição, a perspectiva de análise geopolítica de Lacoste se reproduz até os dias atuais, de maneira a atualizar as discussões iniciadas na década de 1950.
- 30 Este artigo pretendeu destacar que há uma relação fundamental entre a história pessoal de Yves Lacoste e seu interesse pelas questões do subdesenvolvimento e do Terceiro Mundo. Considerou-se aqui que a história do autor se reflete nas suas escolhas e interesses de pesquisa, aproximando-o de temas até então ausentes ou pouco abordados pela Escola Francesa de Geografia. É importante notar, no entanto, que os países do Terceiro Mundo já haviam sido estudados pela Geografia anteriormente – vide a tese de Pierre Gourou sobre o delta do rio Vermelho, no Vietnã, defendida em 1936 –, mas não por uma perspectiva que visava superar a descrição dos lugares e a análise regional (Verdi, 2016). Assim, compreende-se que Lacoste estabeleceu outro objeto e outro objetivo para a ciência geográfica, diferenciando-se da tradição vigente e inaugurando uma nova interpretação que atribui conteúdos políticos à análise geográfica, de forma a produzir uma interpretação geopolítica dos conflitos sociais e territoriais.

BIBLIOGRAFIA

- Bataillon, C. (2006). Six géographes en quête d'engagement: du communisme à l'aménagement du territoire. Essai sur une génération. *Cybergeo: European Journal of Geography* [Online]. Disponível em: < <http://cybergeo.revues.org/1739>>
- Dresch, J. (1984). Jean Dresch, géographe humaniste. Entrevista. *L'Humanité*. L'actualité. 7 mar. 1984.
- El-Alaoui, I. B. (2011). Les guerres de décolonisation en Afrique: diversité des stratégies et reconversion postcoloniale des structures. *Anais do XXXVII International Congress of Military History*, Rio de Janeiro.
- Furtado, C. (1966). *Développement et sous-développement*. Paris: Presses Universitaires de France.
- George, P.; Guglielmo, R.; Kayser, B.; Lacoste, Y. (1964). *La géographie active*. 1 ed. Paris: Presses Universitaires de France.
- George, P.; Verger, F. (Dir.). (2013). *Dictionnaire de la géographie*. 4 ed. atualizada. Paris: Presses Universitaires de France.
- Institut Français de Geopolitique (IFG) (2015). *L'école française de géopolitique à Paris 8*. Disponível em: < <http://www.geopolitique.net/institut/presentation>>.
- Lacoste, Y. (1959). *Les pays sous-développés*. Que sais-je? 6 ed. Paris: Presses Universitaires de France.
- ____ (1964). Perspectives de la géographie active en pays sous-développé. In: George, P.; Guglielmo, R.; Kayser, B.; Lacoste, Y. *La géographie active*. 1. Ed. Paris: Presses Universitaires de France.
- ____ (1965). *Géographie du sous-développement*. Paris: Presses Universitaires de France.
- ____ (1972). A Geografia. In: Châtelet, F. (org.). *História da Filosofia*. Ideias, Doutrinas, v. 7 (A Filosofia das Ciências Sociais – de 1860 aos nossos dias). Rio de Janeiro, Zahar, 1974.
- ____ (1972b). Les bombardements de digues sont délibérés. *Le Monde*, Paris, 16 ago. 1972. Disponível em: < http://abonnes.lemonde.fr/archives/article/1972/08/16/les-bombar...nts-de-digues-sont-deliberes_2398364_1819218.html?xtmc=&xtcr=55>
- ____ (1976) *La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre*. Paris: François Maspero, 1 ed.
- ____ (1976b). Enquête sur le bombardement des digues du fleuve Rouge (Vietnam, été 1972). Méthode d'analyse et réflexions d'ensemble. *Hérodote*, Paris, n.1, jan-mar/1976c.
- ____ (1976c). Attention, géographie! *Hérodote*, Paris, n.1, jan-mar/1976a.
- ____ (1976d). Pourquoi Hérodote? Crise de la géographie et géographie de la crise. *Hérodote*, Paris, n.1, jan-mar/1976d.
- ____ (1978). Un géographe anticolonialiste, Jean Dresch, *Hérodote*, Paris, n.11.
- ____ (1988). *A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas: Papyrus., 2012, 19ª ed.
- ____ (2010). *La géopolitique et le géographe. Entretiens avec Pascal Lorot*. Paris: Choiseul Éditions.

- ____ (2012a) Trente-six ans après... In: Lacoste, Yves. *La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre*. Paris: La Découverte.
- ____ (2012b). *La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre*. Paris: La Découverte, edição ampliada.
- Myrdal, G. (1958). *Une économie internationale*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Nurske, R. (1953). *Problems of capital formation in underdeveloped countries*. Oxford.
- Rostow, W. W. (1960). *The stages of economic growth*. Cambridge.
- Sampaio, T. H. (2013). O discurso de Jean-Paul Sartre sobre o colonialismo francês e a Guerra de Independência da Argélia (1954-1962). *Filogênese*, Marília, v.6, v.1.
- Sarmento, A. D. (2012). Notas sobre o take-off: a teoria rostowiana revisada. *Teoria e Evidência Econômica*, ano 18, n. 38, p. 144-167, jan./jun.
- Sauvy, A. (1952). Trois monde, une planète. *L'Observateur*, n. 118, 14 ago. 1952, p. 14.
- Valenti, C. (2003). Crise universitaire ou crise de civilisation? La crise de Mai 68 en France à travers la *Revue des Deux Mondes*. Cercles, Barcelona, n.6.
- Verdi, E. F. (2016). *Produção geográfica e ruptura crítica: a Geografia uspiana entre 1964 e 1985*. Dissertação (Mestrado) em Geografia Humana. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP.
- Zanotelli, C. L. (2005). *Yves Lacoste: entrevistas*. São Paulo: Annablume.

NOTAS

1. No Brasil, o livro circulou em uma edição pirata desde o final da década de 1970 e foi finalmente publicado em 1988 com o nome *A Geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Esta edição, feita já a partir da versão francesa modificada de 1985, conta com um prefácio elucidativo de José William Vesentini. O livro (Lacoste, 1988), teve 19 edições até 2012.
2. Valenti (2003) considera que a crise da universidade francesa reflete uma insatisfação estudantil com a estrutura centralizada do ensino superior na França durante a década de 1960, a qual desencadeou movimentos que exigiam mais vagas nas universidades e a democratização do ensino. O movimento de maio de 1968 evidenciaria essa insatisfação direcionada ao governo do general Charles de Gaulle, constituindo-se, devido à sua magnitude e importância, a muito mais do que uma crise universitária, por questionar os valores sociais tradicionais da sociedade francesa.
3. A ocupação francesa no norte da África data da segunda metade do século XIX, do império de Napoleão III. O Marrocos foi o último país do continente africano a ser controlado pela França (na condição de Protetorado), em 1912, e o primeiro a declarar independência, em 1955. A dominação francesa na região foi responsável por reestruturar a produção agrícola local com o objetivo de atender ao mercado metropolitano, utilizando-se da grande maioria das terras cultiváveis que foram obtidas através da expropriação das tribos nativas (El-Alaoui, 2011; Sampaio, 2013).
4. Tradução nossa, como todas as demais realizadas nesse artigo, a partir de originais analisados durante um período de pesquisa em Paris, em 2015.
5. A guerra de independência da Argélia (1954-1962) faz parte, segundo Lacoste (2010), de um amplo processo de descolonização que ocorreu na África após a Segunda Guerra Mundial. No caso da França, suas três colônias na região do Maghreb - Argélia, Marrocos e Tunísia - declararam independência entre as décadas de 1950 e 1960. A insurreição argelina de 1954 foi dirigida pelo grupo nacionalista *Front de Libération Nationale* (FLN) e desencadeou uma guerra de oito anos

contra o exército francês. No caso do Marrocos e da Tunísia, Rivet (2001) considera que, diferentemente da Argélia, a independência foi negociada com o governo francês em 1956 por uma nova elite local que tinha os mesmos objetivos do colonizador, quais sejam, a construção de um Estado forte e a manutenção de uma ordem supratribal.

6. Nestes trabalhos de Lacoste, percebe-se um diálogo com autores que estavam analisando, por perspectivas teóricas e metodológicas diversas, as condições de desenvolvimento dos países pobres, tais como Furtado (1966), Myrdal (1958), Nurske (1953), Rostow (1960) e Sauvy (1952). Dentre tais autores, Rostow (1960), assessor do presidente norte-americano John F. Kennedy, produziu um estudo sistemático da história econômica de alguns países, estabelecendo 5 etapas para o processo de modernização de diferentes sociedades. Tal obra tinha a intenção de ser uma resposta teórica às teses marxistas, as quais considerava uma “doença da transição” no pós-Segunda Guerra Mundial (Sarmiento, 2012). Já Sauvy (1952), demógrafo francês, utilizou pioneiramente o termo Terceiro Mundo para designar os países subdesenvolvidos que não compunham nem o capitalismo ocidental, de um lado, nem o socialismo oriental, de outro.

7. Fundada em 1976 por Yves Lacoste, a revista *Hérodote* foi gestada, no pós-1968, na Universidade de Vincennes (Zanotelli, 2005). O nome do periódico é uma homenagem ao filósofo grego Heródoto, que segundo Lacoste (1976c; 2010) foi o ponto de partida do raciocínio geográfico. Para o fundador, Heródoto representa a contradição inaugural da Geografia: informar a estratégia e justificar a dominação. Em 1976, no primeiro número da revista, o editorial anuncia que o objetivo de *Hérodote* é tratar das relações entre a teoria e a prática, das funções estratégicas e ideológicas do conhecimento geográfico, da necessidade política de se saber pensar o espaço. De acordo com Lacoste (1976d), a revista corresponderia ao projeto de elaborar os problemas da Geografia em função das estratégias, das práticas militares, políticas e econômicas em relação ao espaço e em função das ideologias, das representações do espaço, que se expressariam no plano do conhecimento, da escola, da estética e da mídia. Deste modo, a Geografia estaria no seio de todos os problemas políticos e o conhecimento das diferentes formas de representação do espaço como um instrumento de poder a fundamentaria como saber estratégico.

8. Considerado por Lacoste (1978, 2010, 2012a) um geógrafo anticolonialista e militante das lutas anticoloniais no norte da África, Dresch foi professor no liceu muçulmano de Rabat, no Marrocos, entre 1931 e 1941. No período, produziu sua *thèse d'État* sobre a evolução do relevo do maciço central do Grande Atlas e engajou-se na militância política magrebina. Entre 1931 e 1936, Dresch foi militante do partido socialista marroquino – o único autorizado no Protetorado francês – e em 1936 foi um dos fundadores do Partido Comunista do Marrocos. Em 1984, dez anos antes de sua morte, em entrevista ao jornal *L'Humanité*, Dresch afirmou que para ele seria “muito difícil ser um bom geógrafo e ser reacionário” (Dresch, 1984).

9. O trabalho de Pierre Gourou ao qual Lacoste se refere é a sua tese de doutoramento, intitulada *Les paysans du delta tonkinois*, defendida em 1936 na França.

RESUMOS

Este artigo se propõe a analisar algumas obras do geógrafo francês Yves Lacoste com o objetivo de explicitar o momento pioneiro em que o autor desenvolve uma análise dialética do subdesenvolvimento, inaugurando uma interpretação geográfica que abrange tanto a herança legada por situações históricas coloniais, quanto as transformações modernizantes que agravaram os quadros de miséria nos países subdesenvolvidos. Argumenta-se aqui que há, nessa

perspectiva de Lacoste, um comprometimento com a compreensão da situação do subdesenvolvimento de uma maneira não dualista, ou seja, não apenas em comparação com o seu outro, o desenvolvimento, mas sim a partir da análise das condições sociais, econômicas, políticas e históricas do desenvolvimento do capitalismo que produz o subdesenvolvimento. A partir dessa elaboração original, Lacoste produz um caminho de reconstrução da geopolítica na França, renovando algumas perspectivas da Escola Francesa de Geografia.

This article proposes to analyze some works of the French geographer Yves Lacoste with the purpose of explaining the pioneering moment in which the author develops a dialectical analysis of underdevelopment, inaugurating a geographical interpretation that includes both the inheritance bequeathed by colonial historical situations and the modernizing transformations that have aggravated the misery of underdeveloped countries. It is argued here that in Lacoste's perspective, there is a commitment to understanding the situation of underdevelopment in a non-dualistic way, that is, not only in relation to its opposite, but the analysis of the social, economic, political and historical conditions of the development of capitalism that produces underdevelopment. From this original elaboration, Lacoste produces a path of reconstruction of the geopolitics in France, renewing some perspectives of the French School of Geography.

Este artículo se propone analizar algunas obras del geógrafo francés Yves Lacoste con el objetivo de explicitar el momento pionero en que el autor desarrolla un análisis dialéctico del subdesarrollo, inaugurando una interpretación geográfica que incluye tanto la herencia legada por situaciones históricas coloniales, como las transformaciones modernizantes que agravaron los cuadros de miseria en los países subdesarrollados. Se argumenta aquí que hay, en la perspectiva de Lacoste, un compromiso con la comprensión de la situación del subdesarrollo de una manera no dualista, es decir, no sólo en comparación con su otro, el desarrollo, pero de las condiciones sociales, económicas, políticas e históricas del desarrollo del capitalismo que produce el subdesarrollo. A partir de esa elaboración original, Lacoste produce un camino de reconstrucción de la geopolítica en Francia, renovando algunas perspectivas de la Escuela Francesa de Geografía.

Cet article vise à analyser des œuvres du géographe français Yves Lacoste dans le but de clarifier un moment pionnier dans lequel l'auteur développe une analyse dialectique du sous-développement, inaugurant une interprétation géographique qui couvre au même temps l'héritage légué par des situations historiques coloniales et les changements de modernisation qui ont aggravé les cadres de la misère dans les pays en développement. On soutient ici qu'il y a dans cette perspective de Lacoste, un engagement à comprendre le sous-développement d'une manière non-dualiste, à savoir non seulement par rapport à son autre, le développement, mais de l'analyse du développement social, économique, politique et historique du capitalisme qui produit du sous-développement. A partir de ce dessin original, Lacoste produit une reconstruction de la géopolitique en France, renouvelant des perspectives de la École Française de Géographie.

ÍNDICE

Índice geográfico: França, Terceiro Mundo, Vietnã

Palavras-chave: Yves Lacoste, geografia do subdesenvolvimento, geopolítica, Escola Francesa de Geografia, colonialismo

Palabras claves: Yves Lacoste, geografía del subdesarrollo, geopolítica, Escuela Francesa de Geografía, colonialismo

Índice cronológico: 1929-1989

Keywords: Yves Lacoste, geography of underdevelopment, geopolitics, French School of Geography, colonialism

Mots-clés: Yves Lacoste, géographie du sous-développement, géopolitique, École Française de Géographie, colonialisme

AUTOR

ELISA FAVARO VERDI

Mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP), com estágio de pesquisa no *Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine* (IHEAL), Paris 3 – Sorbonne Nouvelle